

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

**Sub-eixo: As particularidades da contradição capital x trabalho no capitalismo
dependente**

UMA ANÁLISE TEÓRICA DO ENSAIO ORNITORRINCO DE CHICO DE OLIVEIRA

MARIA LUCIA DA SILVA SOUZA¹

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo analisar o texto Ornitorrinco de Francisco de Oliveira (2013), apontando alguns aspectos trabalhados pelo autor, sendo estes importantes e necessários para o atual contexto. O ornitorrinco é um ensaio que localiza o Partido dos Trabalhadores (PT), a partir da chegada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no período de (2003-2011); descreve sobre a captação do fundo público pelo PT e ausência de ética ao assumirem o poder; faz uma análise sobre o desenvolvimento das políticas sociais de caráter compensatório como forma de controle da classe trabalhadora; financeirização do capital por meio da continuidade do governo neoliberal adotada pelo seu antecessor. A metáfora usada do ornitorrinco “bicho que não é isso nem aquilo” ou um “herói sem nenhum caráter, permite desenvolver uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento de um sistema que retira os direitos sociais já garantidos, em tempo submete os indivíduos a situações degradantes, de expropriação da força produtiva mediado pela tecnologia, dentro de um involucro dialético do atraso e moderno.

Palavras-chave: Fundo público. Neoliberal. Políticas sociais. Pobreza e extrema pobreza. Tecnologia.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the text Ornitorrinco by Francisco de Oliveira (2013), pointing out some aspects worked on by the author, which are important and necessary for the current context. The Platypus is an essay that locates the Workers' Party (PT), from the arrival of President Luiz Inácio Lula da Silva in the period (2003-2011); describes the capture of public funds by the PT and the lack of ethics when they assumed power; makes an analysis of the development of compensatory social policies as a form of control of

¹ Universidade Federal de Pernambuco



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

the working class; financialization of capital through the continuity of the neoliberal government adopted by its predecessor. The metaphor used of the platypus, “an animal that is neither this nor that” or a “hero without any character, allows us to develop an in-depth reflection on the development of a system that takes away already guaranteed social rights, while subjecting individuals to degrading situations, of expropriation of the productive force mediated by technology, within a dialectical envelope of backwardness and modernity.

Keywords: Public fund. Neoliberal. Social policies. Poverty and extreme poverty. Technology

INTRODUÇÃO

É importante considerar que o ensaio *Ornitorrinco* (2003), está inserido em outro grande estudo do autor Chico de Oliveira “*Critica da razão dualista*”, sendo esse último elaborado nos anos de 1972, considerado como um clássico, ao colocar de forma exponencial sob o ponto de vista econômico o pensamento estruturalista e dual da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), que separava a modernização e os setores tradicionais da sociedade, sobretudo, escancarava a tese imposta pelos economistas do período, ao sinalizar que primeiramente era necessário fazer crescer o bolo, ou seja, as grandes corporações econômicas, para posteriormente partilhar com aquele setor considerado do atraso, os trabalhadores em condição de superexploração, que gerava a riqueza social do país.

O texto do autor trata-se de uma análise sobre a economia brasileira e ao mesmo tempo realiza uma comparação com um ornitorrinco², ao classificá-la como um “bicho que não é isso nem aquilo”, um “herói sem nenhum caráter”. Nesse sentido, o crítico considerado por diversos autores como obstinado e militante socialista, ao realizar essa análise, a faz a partir de uma chave interpretativa a realidade brasileira. Sob um contexto assimétrico, o Brasil convive com a dualidade entre o avanço e o atraso, e ao mesmo tempo, amplia de forma escalar a desigualdade social no país; submete os indivíduos a informalidade, aprofundando e precarizando ainda mais as

² Ornitorrinco - s.m. (Do gr. ornis, ornithos. ave + Rhynekhos. bico.) Ornithorhynchus anatinus. Mamífero monotremo, da subclasse dos prototérios, adaptado à vida aquática. Alcança 40 cm de comprimento, tem bico córneo, semelhante ao bico de pato, pés espalmados e rabo chato. É ovíparo. Ocorre na Austrália e na Tasmânia. (Família dos ornitorrinquídeos). Encicl. O ornitorrinco vive em lagos e rios, na margem dos quais escava tocas que se abrem dentro d'água. Os filhotes alimentam-se lambendo o leite que escorre nos pelos peitorais da mãe, pois esta não apresenta mamas. O macho tem um esporão venenoso nas patas posteriores. Este animal conserva certas características reptilianas, principalmente uma homeotermia imperfeita. (p.81).

relações de trabalho, entre os mínimos instituídos pelos programas sociais, bem como o assalariamento, sendo ambos funcionais ao sistema capitalista brasileiro.

ORNITORRINCO

Francisco de Oliveira (sociólogo), nordestino, nascido em 1930, pesquisador, sempre atento à realidade política, econômica e social do país, desenvolveu análises críticas sobre a sociedade e a economia brasileira. Mediante os impasses e as situações contraditórias originárias da relação desigual e combinada³, provocada pelo sistema capitalista, o autor realiza uma metáfora sobre o Brasil. Para apresentar a metáfora recorre a um animal estranho com bico de pato, esquelético e sinaliza “que nem é isso nem aquilo”, que vive em lagos e rios, e se alimenta do leite que escorre da mãe para sobreviver, classificando-o como animal ovíparo, denominando “Ornitorrinco”.

A metáfora colocada pelo sociólogo, permite desenvolver uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento dual da sociedade brasileira entre: arcaico e o moderno, extrema pobreza e a ostentação, a partir de um sistema que retira os direitos sociais já garantidos, submete os trabalhadores a situações degradantes de trabalho, seja em espaços formais para acesso ao mínimo instituído pelo assalariamento; e/ ou aqueles que estão nas fileiras, formando um verdadeiro exército de trabalhadores em reserva (Marx,2013), acionados de forma precária para inserção nos escassos espaços de trabalho, mantidos por meio de políticas compensatórias.

O conjunto de trabalhadores é transformado em uma soma indeterminada de exército da ativa e da reserva, que se intercambiam não nos ciclos de negócios, mas diariamente. Daí termina a variabilidade do capital antes na forma de adiantamento do capitalista. É quase como se os rendimentos do trabalhador agora dependessem do lucro dos capitalistas. Disso decorrem todos os novos ajustamentos no estatuto do trabalho e do trabalhador, forma própria do capitalismo globalizado. Como "capital variável", os salários eram um "custo"; como dependentes da venda das mercadorias/produtos, os rendimentos do trabalho, que não são mais adiantamento do capital, já não são "custo" (p.89)

Na sociedade do capital o conjunto de trabalhadores está inserido na ambiência da informalidade, sua força produtiva não é participe das decisões e negócios gerados, entretanto, os rendimentos da sua força produtiva são necessários para ampliação dos lucro dos capitalistas. A

³ O autor cita no texto a expressão Utilizada por Trotsky é não somente desigual, mas combinada, é produto antes de uma base capitalística de acumulação razoavelmente pobre para sustentara expansão industrial e a conversão da economia após anos 1930, que da existência de setores `atrasado" e `moderno" (p.39).

negar e retirar os direitos constituídos, torna-os dependentes e vulneráveis a políticas de cariz compensatória. Os desdobramentos desse sistema usurpam a força produtiva, precariza as relações de trabalho, ao gerar mais valor para a classe burguesa.

A sociedade inserida pela revolução tecnológica ou molecular, conforme colocado pelo sociólogo, aponta que todo o movimento gerado pelo capital segue em direção de uma transformação do tempo de trabalho, gerando trabalho não pago, ampliando de forma escalar a mais valia absoluta e relativa. Ao utilizar a expressão “parece coisa de feitiçaria é o fetiche em sua máxima expressão” (p.88), expõe que a sagacidade e estratégias utilizadas pelo capital para expropriação da força produtiva.

Nesse percurso, a produção é tensionada pelo sistema capitalista, e ao ser mediada pela tecnologia, não existe tempo de não trabalho, pois, todo o tempo é trabalho, ou seja, é tempo de produção. Não importa onde esteja o trabalhador seja no espaço doméstico, no momento de lazer, este poderá ser acionado a partir dos dispositivos existentes, reforçando análise marxiana do que o trabalhador é usado como mero apêndice do maquinário.

É importante lembrar que as práticas utilizadas pelo capital desde o processo da revolução industrial vão sendo estrategicamente ampliadas, aprimoradas no decorrer do tempo e espaço, a exemplo das vilas criadas ao redor das fábricas para acionar os trabalhadores a qualquer momento, deixando-os alienados e adoecidos com as mazelas geradas. Na contemporaneidade são utilizados outros dispositivos tecnológicos, que todo o tempo controla o trabalhador, expropria essa força produtiva, como trabalho não pago, sobretudo, ao criar o fetiche do trabalho no ambiente doméstico o chamado “home office”, que desmobiliza as relações sociais, colocando-os sob o patamar da individualização.

Chico de Oliveira, ao realizar as aproximações no seu tempo histórico, busca realizar as devidas mediações com o mundo do trabalho e suas metamorfoses, a partir da reestruturação produtiva. Ao delinear sobre o conhecimento técnico científico associado ao campo das pesquisas, refere-se as patentes criadas pelos grandes oligopólios de controle e domínio do capital. Ressalta que, ao mesmo tempo, que não existe fronteira entre ciência e tecnologia, os recursos destinados no campo da produção do conhecimento, são aplicados de forma constante, como forma de aprimorar e valorizar as estratégias da indústria.

Outro fator preponderante utilizado como estratégia concerne a constante mobilidade do capital. Ao esgotar as fontes de riquezas naturais de um dado território, este já mobiliza outros países como forma de não interromper o processo de expansão. O sistema neoliberal ao investir



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

em tecnologia, dinamiza o acesso aos seus produtos, em tempo os dispositivos criados, são utilizados como forma de controle da classe trabalhadora, típico dessa nova revolução informacional e comunicacional.

Nessa perspectiva, o sociólogo expõe sobre a existência de uma “combinação de descartabilidade, efemeridade e progresso incremental, que corta o passo às economias e sociedades, que permanecem no rastro do conhecimento técnico científico” (p.90). As descartabilidade e efemeridade geradas pelo capitalismo, perpassam dialeticamente o velho/novo, no campo da ideologia tendo como mediação a tecnologia. Ao atravessarem os oceanos, são colocadas pelo países centrais, como forma de domínio e controle das periferias, utilizadas como cópias pelas agências internacionais, com os seus ideais, regras, parâmetros e indicadores criados pelos intelectuais da burguesia para controle das políticas sociais e sobretudo da economia.

Os desdobramentos tecnológicos têm rebatimento direto nos diferentes espaços de trabalho. Os profissionais que não estão aptos para a condução dessa nova tecnologia, são descartados, pois, não atenderem os padrões e definições estabelecidas pelas empresas; tão logo, são substituídos por uma força de trabalho jovial e dócil, admitidos por meio de contratos temporários e precários, sem as devidas garantias, ampliando sobremaneira acumulação de capital.

A efemeridade faz parte das estratégias do neoliberalismo, sempre presente nas relações de trabalho, no processo tecnológico para renovação dos dispositivos e impulsionamento ao consumo e; sobretudo, a descartabilidade da força viva de trabalho, ao ser substituída pelo trabalho morto conforme sinaliza o velho Marx (2013), havendo sobremaneira um investimento no capital constante.

A acumulação do capital intensificada na periferia, mediada pelo uso da ciência com incrementos incessantes na tecnologia, tem acirrado as desigualdades sociais. Neste percurso o Estado contraditório, por meio do uso da coerção e consenso, por um lado cria/defaz as leis, em prol da expropriação da força produtiva, para ampliar o seu exponencial de mais valor, ou seja, para controle dessa força, por meio políticas de cariz compensatórias, com foco na amenização das situações de conflitos criados, pela tensa relação capital e trabalho.

O autor ao realizar uma análise do programa fome Zero, criado nos anos de 2003 no governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), para enfrentamento da fome e miséria no país, enfatiza que tal programa é paradoxal, pois, intensifica a política econômica neoliberalizante,

adotada pelo seu antecessor Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), que tem como premissa a financeirização e mundialização do capital.

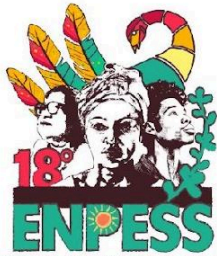
O projeto neoliberal desqualifica a formalização dos postos de trabalho no país, fenômeno este que vem ocorrendo desde os anos 1980, ampliando o lugar da informalidade e do trabalho desprotegido. Chico de Oliveira cita Castel (1998) no seu texto, para enfatizar a proeminência e existência de uma “desfiliação” do trabalhador, ao desenvolver a análise de desconstrução da relação salarial, adquirida no final dos anos 1930, abrindo precedentes para: flexibilização, terceirização e precarização com a reestruturação produtiva que emerge desde os anos 1970.

Vale ressaltar que estes precedentes, vem de uma política gerencial de Estado, ampliando sobremaneira uma relação desigual, e ao mesmo tempo, sendo desenvolvida estratégias de “políticas piedosas” (p.93). As políticas desenvolvidas apresentam-se de forma dual, **de um lado** - com a realização de treinamentos e qualificação para os trabalhadores, com a intenção de prepará-los para retorno ao mercado de trabalho; **e por outro lado** - os cursos ofertados trabalham na perspectiva empreendedora do indivíduo, colocando-os sob uma gestão de si mesmo. Tais fatos permitem ao autor citar as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores realizadas na informalidade como forma de garantir os mínimos necessários. As atividades são realizadas nos espaços de maiores circulação com vendas de “quinilharias”.

Outro fator preponderante trabalhado pelo autor versa sobre a privatização das estatais, a título das telecomunicações. Ao delinear sobre a existência de uma “revolução molecular-digital como forma técnica principal da acumulação de capital, e fatiamento digital do mercado para prosseguimento, sem que este dê lugar a crises de realização, derivadas de uma superacumulação” (p.93).

Nesse contexto, a captação do fundo público mediada pela tecnologia, segue as diretrizes propostas pelo sistema capitalista. Para aqueles estratos da população mais vulneráveis, são colocados fatores dificultadores, em detrimento das suas condições objetivas. Contudo, o autor expõe que as próprias políticas estatais de privatização possibilitaram uma “paisagem diferenciada a olho nu, nos espaços urbanos, quanto ao acesso às parabólicas ou até mesmo a rede móvel de telefonia” (p.93), ocorrendo não apenas uma concorrência predatória entre as empresas, entretanto alterando os espaços urbanos a partir da aquisição destes equipamentos.

É importante considerar que, a análise consubstanciada pelo autor, sobre a captação do fundo público, ocorre sob duas frentes: **a primeira** - quando da privatização das estatais, capitaneadas por grandes oligopólios; **segunda** - quando do investimento nas políticas sociais



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

para acesso aos bens de consumo, como forma de mobilizar o nicho de mercado, não somente para alimentação, bem como a questão tecnológica, conforme proposta sinalizada pelo Programa Fome Zero.

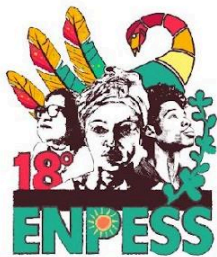
No contexto de barganha do fundo público no campo da privatização, a política econômica adotada é de continuísmo neoliberal, com acesso a captação dos fundos de pensão. Assiste-se no governo Lula, sendo este considerado governo dos trabalhadores, o uso do consenso para manter a política de controle. O autor relata que no Brasil houve uma “via passiva” para explicar a engrenagem desenvolvida pelo governo Lula para chegar ao poder, ao realizar conciliações com os diversos partidos.

As junção realizada entre os partidos, cede lugar aos interesses privatistas, e os trabalhadores são transformados em verdadeiros operadores dos fundos de pensão, a exemplo do Previ do Banco do Brasil. Os espaços tomados por lideranças sindicais vão formando “clubes de investimento” ao ampliarem recursos para a esfera privada, deixando de lado as ações advindas dos trabalhadores; destaca-se que, antes de entrarem o palácio do planalto havia uma outra perspectiva. Assim, o cenário desencadeado pelo PT é chamado pelo autor de convergência política pragmática, quando:

[...] entre o PT e o PSDB, o aparente paradoxo de que o governo de Lula realiza o programa de FHC, radicalizando-o: não se trata de equívoco, nem de tomada de empréstimo de programa, mas de uma verdadeira nova classe social, que se estrutura sobre, de um lado, técnicos e economistas doublés de banqueiros, núcleo duro do PSDB, e trabalhadores transformados em operadores de fundos de previdência, núcleo duro do PT. A identidade dos dois casos reside no controle do acesso aos fundos públicos, no conhecimento do “mapa da mina” (p.95).

Os intelectuais dessa convergência formaram um consenso ideológico, com simetria de formação, ao transitarem por ambos os governos, desempenhando funções de alto escalão e tomando posições que vão de encontro as propostas dos trabalhadores, para a captação do fundo públicos, com alianças junto ao setor privado e ampliação do sistema financeiro. Essa emblemática convergência, é colocada pelo autor como uma formação de uma “nova classe” que se instala na periferia do capitalismo globalizado, com assento demarcado por esse Estado. Assim,

[...] Em termos gramscianos também a nova classe satisfaz as exigências teóricas: ela se forma exatamente num novo consenso sobre Estado e mercado sustentado pela formação universitária que recebeu, e por último, é a luta de classes que faz a classe, vale dizer, seu movimento se dá na apropriação de parcelas importantes do fundo público [...] (p.96).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

É nesse contexto de apropriação do fundo público, que Chico utiliza a metáfora do Ornitorrinco. Sinaliza sobre a “peculiaridade de que os fundos de inversão e investimento são propriedades de trabalhadores” (p.96). Entretanto, os trabalhadores estão privados do momento ético-político, mediante, uma permanente propriedade dos fundos de acumulação, não os permitindo avançar para uma elevação de um estado de consciência. Visto que, o ornitorrinco “está condenado a submeter tudo à voragem da financeirização, uma espécie de “buraco negro”: agora será a previdência social, mas isso o privará exatamente de redistribuir a renda, ao criar um mercado que sentaria as bases para a acumulação digital-molecular” (p.96).

O autor buscará realizar a crítica contundente do partido no governo Lula, pois, os operadores deste sistema tratava-se de sindicalistas, que se apropriaram do fundo público em benefício próprio, e financiar o sistema capitalista. O texto demonstra inquietação e vergonha do autor, ao caminharem contrariando os princípios, a luta dos trabalhadores, que tinham como pauta uma sociedade justa e igualitária, defendidos anteriormente de forma árdua, e agora voltados a um projeto privatista que domina a cena, tendo como premissa agora os interesses individuais, acima da coletividade, ocorrendo o “démarche” daquele projeto, que outrora fora palco de tantas lutas.

A face destrutiva dessa sistema, é enfatizada pelo sociólogo ao utilizar a metáfora do ornitorrinco capitalista, o qual desvela “[...] uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão” (p.97), ao privar o acesso aos trabalhadores/as. A ínfima distribuição de renda realizada por meio de políticas compensatórias, não retira os indivíduos das situações de miséria e pobreza, pelo contrário, os expõe a uma segregação, com comprovações que seleciona, caracteriza e condiciona o direito, entre aqueles que são merecedores e não merecedores dos benefícios sociais; sobretudo, são direcionados por indicadores econômicos e mensurados pelos organismos de hegemonia de caráter internacional.

A comparação realizada por Chico da sociedade com o Ornitorrinco caracteriza a feição incongruente que o Brasil se encontrava, mesmo após a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder. A crítica realizada por Schwarz ao elaborar o prefácio para o autor, destaca sobre o salto das forças produtivas que ocorre fora, e dado por outros, e que este poderá se repetir, mediante a [...] Terceira Revolução Industrial, combinada a mundialização capitalista e a conhecimentos científicos e técnicos, os quais estão sequestrados em patentes, além de ser submetidos a um regime de obsolescência acelerada que torna inútil a sua aquisição ou cópia avulsa” (p.10).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A crítica recai sobre a produção do conhecimento e seus avanços os quais poderiam ser utilizados para beneficiar os trabalhadores para um tempo ócio, termo este utilizado por Marx. Entretanto, as utilizam como forma de expropriação em nome da lucratividade, na busca constante de novos modelos e formatos numa competição desenfreada. Vale ressaltar que, a área estatal da legalidade faz parte desse cômputo, quando as legislações favorecem a retirada dos direitos sociais constituídos.

Nessa feição, a figura do ornitorrinco vai se formando, pois sua genética é composta pelo subdesenvolvimento termo já utilizado pelo autor para explicar a dualidade cepalina do moderno e do atraso; somado a desqualificação e destituição de direitos sociais. Toda essa envoltura leva o país a uma tendência desastrosa, ou seja, a uma: informalização em substituição a formalidade dos postos de trabalho e a inviabilização da relação salarial, colocando o indivíduo sob de patamar meritocrático.

A análise realizada pelo autor, permite compreender sobre o desenvolvimento de um país, que detém a riqueza, contudo, está comandado pelo voraz capital financeiro, que suga as energias dos trabalhadores, deixando-os apáticos, esqueléticos e definhados. As características apontadas levaram milhares de trabalhadores a uma situação de pobreza e a extrema pobreza, controlados por meio de programas sociais, quando não atendem as necessidades do capital, formando um verdadeiro exército de trabalhadores desalentados, mediante as ausências constantes de uma estrutura que suscite prognósticos futuros.

Ornitorrinco é uma metáfora usada para caracterizar a sociedade brasileira, um ser malformado, a meio caminho da evolução, o qual torna-se um dos eixos de “[...] oposição entre Darwin e Marx, entre a seleção natural, pelo jogo imediatista dos interesses, e a solução consciente dos problemas nacionais e da humanidade” (Schwarz, p.17). Ao realizar o prefácio do ensaio, Schwarz se apropria da tese marxista, enfatizando que nada ocorre sem a intervenção da consciência, pois, esta encontra-se presente nas ações daqueles que estão no poder, de forma a causar “naturalidade” para sustentação e manutenção dos interesses econômicos.

SÍNTESE CONCLUSIVA

A presente análise embora careça de novas mediações e aprofundamento sobre o próprio autor, foi realizada a partir da disciplina Formação Histórica Social do Estado brasileiro no doutorado. A sua visão e prognósticos concedidos sobre o país, é de uma atualidade valiosa, a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

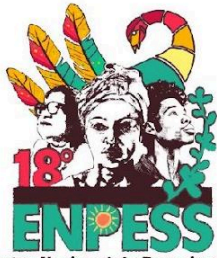
qual não tenho a pretensão de esgotar, tendo em vista as inúmeras possibilidades apontadas pelo autor. O ornitorrinco é um ensaio que localiza a absorção do partido dos trabalhadores a pauta de expansão do sistema capitalista, ocorrendo um verdadeiro atraso na luta dos trabalhadores; a ausência ética do PT ao chegar ao poder com a utilização do fundo público para interesses privados, e ao mesmo tempo com desenvolvimento de políticas compensatórias, como forma de controle da classe trabalhadora, bem como a financeirização do capital, dando continuidade a um governo pautado pela ótica neoliberal.

A revolução tecnológica, o conhecimento científico e os investimentos desenvolvidos, são utilizados de forma massiva em favor do capital financeiro, que não minimiza a exploração da força produtiva; pelo contrário, dominam e controlam, ao transformarem todo o tempo do trabalhador, em tempo de produção. Ao submeterem os indivíduos a uma concorrência desleal entre si, desmobilizam as relações sociais, em favor da individualidade, redundando naquilo que Chico apontou como destruição da musculatura dos movimentos sociais.

Ao tecer sobre a descartabilidade, efemeridade e progresso incremental da economia, associadas ao conhecimento técnico científico, perpassam o velho/novo, não somente no campo das ideias, pois, são mobilizadas estratégias que atravessam gerações. Tais fatores afetam diretamente as relações de trabalho, quando a força produtiva é avaliada e trocada por outros que estejam disponíveis, a um preço abaixo, que não realizem questionamentos nem tampouco estejam envolvidos com os movimentos, submetidos a um processo rigoroso de análise nas plataformas e redes digitais, ao invadir a privacidade do indivíduo, e entenderem os ideais políticos, disponibilidade e mobilidade, de modo a atender os interesses e missão da empresa.

A metáfora apresentada do ornitorrinco, como um bicho que não é isso ou nem aquilo, trata-se de uma sociedade desigual e sem remissão, que controla e priva o acesso dos trabalhadores; não os retira das situações de pobreza e extrema pobreza, pelo contrário, os colocam sob uma segregação, a partir de comprovações que seleciona, caracterizam e condicionam o direito, entre pobreza e miséria e/ou aqueles que são merecedores e não merecedores dos benefícios sociais.

É importante considerar que, os programas sociais desenvolvidos são auferidos a partir de indicadores econômicos criados pelos organismos de hegemonia internacional, que ditam as regras para os países periféricos, a exemplo do Brasil. Nesse sentido, Chico relata que o termo subdesenvolvimento não é neutro, pois, ao revelar o prefixo "sub", salienta que "a formação periférica, assim constituída tinha lugar numa divisão internacional do trabalho capitalista, portanto



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

hierarquizada, sem o que o próprio conceito não faria sentido. Mas não é etapista no sentido tanto Stalinista quanto evolucionista, que no fundo são a mesma coisa” (p.83).

O subdesenvolvimento aliado à dependência que se insere o país, acampa dentro de um comando financeiro que suga as energias dos trabalhadores, deixando-os apáticos, esqueléticos e definhados características do ornitorrinco, e comparadas com os trabalhadores que se encontram entre a pobreza e a extrema pobreza, formando um exército de trabalhadores, desalentados mediante as ausências constantes de uma estrutura que permita visualizar prognósticos futuros.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2013.